

Comportamento sexual de graduandos de enfermagem e medicina de uma instituição de ensino superior do estado do Ceará

Tiago Augusto Cavalcante Oliveira

Enfermeiro. Mestrando. Universidade Estadual do Ceará.

✉ tiago.augusto@aluno.uece.br

Emilly Veras Fernandes

Enfermeira. Universidade Estadual do Ceará

✉ emilly.veras@aluno.uece.br

Germana Lima D'Oran

Enfermeira. Universidade Estadual do Ceará

✉ germana.lima@aluno.uece.br

Geraldo Lucas Alves Monte

Enfermeiro. Residente em Clínico-Cirúrgica pelo Hospital Sírio-Libanês.

✉ lucasmonte.a@gmail.com

Saiwori de Jesus Silva Bezerra dos Anjos

Professora Doutora Adjunta da Universidade Estadual Do Ceará

✉ saiwori.anjos@uece.br

Recebido em 16 de setembro de 2024

Aceito em 14 de abril de 2026

Resumo:

O comportamento sexual humano é influenciado por diversos fatores, como idade, escolaridade e contexto social. Adolescentes, jovens adultos universitários, estão mais suscetíveis a comportamentos sexuais de risco devido à falta de educação sexual. Método: Esta pesquisa transversal e descritiva, foi realizada na Universidade Estadual do Ceará, envolvendo 203 estudantes de Enfermagem e Medicina. Os dados foram coletados por meio de um questionário aplicado presencialmente e online, após aprovação ética. As variáveis analisadas incluíram dados sociodemográficos, acadêmicos e de saúde, além de informações sobre parceiros sexuais e uso de preservativo. Resultados: Dos 233 participantes, 78,54% são de Enfermagem e 77,25% do sexo feminino, com maioria de jovens entre 18-22 anos (57,58%). A iniciação sexual ocorre predominantemente entre 16-18 anos, com 73,25% utilizando preservativo na primeira relação. Quanto às ISTs, 51,07% já realizaram testagem, e 73,82% estão vacinados contra o HPV. Discussão: A maioria dos participantes do sexo feminino entre 18-22 anos, reflete dinâmicas de gênero e destaca a necessidade de reforçar a educação sexual. Apesar do acesso à informação, comportamentos de risco persistem, especialmente no uso de preservativos e adoção de métodos contraceptivos. Considerações Finais: Destaca-se a importância de reforçar a educação sexual, especialmente sobre métodos contraceptivos e prevenção de ISTs. Mesmo com alta escolaridade, estudantes de saúde ainda apresentam comportamentos de risco. Sugere-se criar espaços de discussão sobre sexualidade para formar profissionais mais preparados e conscientes.

Palavras-chave: Sexualidade, Comportamento Sexual, Infecções Sexualmente Transmissíveis, Estudantes Universitários, Educação em Saúde.

Sexual behavior of nursing and medical undergraduate students in a public institution

Abstract:

Human sexual behavior is influenced by various factors, such as age, education and social context. Adolescents and young adults at university are more susceptible to risky sexual behavior due to a lack of sex education. Method: This cross-sectional, descriptive study was carried out at the State University of Ceará, involving 203 nursing and medical students. Data was collected using a questionnaire applied in person and online, following ethical approval. The variables analyzed included sociodemographic, academic and health data, as well as information on sexual partners and condom use. Results: Of the 233 participants, 78.54% were nursing students and 77.25% were female, with a majority of young people aged 18-22 (57.58%). Sexual initiation occurred predominantly between the ages of 16-18, with 73.25% using condoms for the first time. With regard to STIs, 51.07% had already been tested and 73.82% were vaccinated against HPV. Discussion: The majority of female participants aged 18-22 reflects gender dynamics and highlights the need to reinforce sex education. Despite access to information, risk behaviors persist, especially in the use of condoms and adoption of contraceptive methods. Final considerations: The importance of reinforcing sex education, especially on contraceptive methods and STI prevention, is highlighted. Even with a high level of education, health students still display risky behavior. It is suggested that spaces be created to discuss sexuality in order to train more prepared and aware professionals.

Keywords: Sexuality, Sexual Behavior, Sexually Transmitted Infections, University Students, Health Education.

Comportamiento sexual de estudiantes de enfermería y medicina de una institución de educación superior del estado de Ceará

Resumen:

El comportamiento sexual humano está influenciado por diversos factores como la edad, la educación y el contexto social. Los adolescentes y jóvenes adultos universitarios son más susceptibles a comportamientos sexuales de riesgo debido a la falta de educación sexual. Método: Esta investigación transversal y descriptiva se realizó en la Universidad Estatal de Ceará, involucrando a 203 estudiantes de Enfermería y Medicina. Los datos se recolectaron mediante un cuestionario aplicado presencialmente y en línea, previa aprobación ética. Las variables analizadas incluyeron datos sociodemográficos, académicos y de salud, además de información sobre parejas sexuales y uso de preservativos. Resultados: De los 233 participantes, el 78,54% son de Enfermería y el 77,25% son mujeres, siendo la mayoría jóvenes entre 18-22 años (57,58%). La iniciación sexual ocurre predominantemente entre los 16-18 años, con un 73,25% usando preservativo en su primera relación. En cuanto a las ITS, el 51,07% ya se ha realizado pruebas y el 73,82% está vacunado contra el VPH. Discusión: La mayoría de participantes femeninas entre 18-22 años refleja dinámicas de género y destaca la necesidad de reforzar la educación sexual. A pesar del acceso a la información, persisten comportamientos de riesgo, especialmente en el uso de preservativos y la adopción de métodos anticonceptivos. Consideraciones Finales: Se destaca la importancia de reforzar la educación sexual, especialmente sobre métodos anticonceptivos y prevención de ITS. Incluso con educación superior, los estudiantes de salud aún presentan comportamientos de riesgo. Se sugiere crear espacios de discusión sobre sexualidad para formar profesionales más preparados y conscientes.

Palabras clave: Sexualidad, Comportamiento Sexual, Infecciones De Transmisión Sexual, Estudiantes Universitarios, Educación para la salud.

INTRODUÇÃO

O comportamento sexual da humanidade está em evolução ao longo do tempo, sendo moldado por diversas variáveis. Fatores associados como a idade, nível de escolaridade, situação conjugal, religiosidade, moradia e características próprias da orientação sexual desempenham papéis significativos nesse processo (COUTO *et al.*, 2023).

Os comportamentos sexuais de risco (CSR), sobretudo relações sexuais desprotegidas e envolvimento com múltiplos parceiros, manifestam-se com maior frequência entre adolescentes e jovens adultos, principalmente na faixa etária entre 15 e 24 anos. Nessa fase, a transição para o ambiente universitário surge como um período crítico, introduzindo fatores que podem ampliar a incidência de comportamentos de risco. Tal fatores decorrem de diversas transformações sociais inerentes à vivência universitária, incluindo adaptação a novos contextos sociais, autonomia aumentada e uma diversidade de experiências interativas (GRAF *et al.*, 2020).

Ainda nessa perspectiva, pode-se afirmar que os jovens moldam sua identidade por meio de sentimentos e desejos, sendo que a atividade sexual geralmente se inicia na juventude. Contudo, o desafio maior apresenta-se na ausência de educação sexual nessa etapa de iniciação, privando-os de conhecimentos acerca da sexualidade e reprodução. Isso acaba repercutindo em atitudes comuns de CSR nesse grupo, caracterizados pelo uso irregular do preservativo, relacionamentos breves, troca frequente de parceiros e a prática de relações sexuais desprotegidas (MIRANDA; SOUZA, 2020).

Atualmente, estima-se que ocorram mais de 1 milhão de novos casos de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) curáveis por dia em indivíduos entre 15 e 49 anos. Em 2020, foram registrados aproximadamente 374 milhões de novos episódios de clamídia, gonorreia, tricomoníase e sífilis nessa faixa etária, evidenciando a elevada magnitude dessas infecções e seu impacto na saúde pública mundial (WHO, 2021; PAHO, 2024).

Em nível nacional, destaca-se o preocupante aumento da incidência de sífilis no Brasil. No primeiro semestre de 2021, em que foram registrados aproximadamente 64.300 casos de sífilis adquirida, representando um aumento significativo de 16 vezes em comparação com o ano de 2010. Um estudo evidenciou uma prevalência elevada de sífilis entre os jovens de 21 anos em relação a outras faixas etárias. Esses dados ressaltam a urgência de estratégias

eficazes de prevenção e controle diante do crescente impacto desta infecção no contexto brasileiro (FREITAS, *et al.*, 2021).

De acordo com as estimativas mais recentes do Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/Aids (UNAIDS), em 2020, havia aproximadamente 38 milhões de pessoas vivendo com HIV em todo o mundo. Aproximadamente 1,5 milhão de novas infecções por HIV em todo o mundo e ainda em 2020, cerca de 680.000 pessoas morreram de doenças relacionadas à Aids (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida). É importante ressaltar que nem todas as mortes por HIV ocorrem devido à Aids. O tratamento adequado e o acesso contínuo aos cuidados de saúde podem ajudar a evitar muitas dessas mortes (UNAIDS, 2023).

Consequentemente, o HIV continua como um problema de saúde global, o qual registra milhões de novas infecções relatadas anualmente. Apesar dos esforços significativos em termos de estratégias de conscientização e educação em saúde, bem como das inúmeras medidas de prevenção já existentes, como a utilização correta do preservativo, Terapia Antirretroviral (TARV), a testagem regular e uso de Profilaxia Pré-Exposição (PrEP) e Profilaxia Pós-Exposição (PEP). Diante desse cenário, a PrEP e a PEP surgem como intervenções revolucionárias capazes de impactar positivamente a epidemia do HIV (THOMPSON *et al.*, 2022).

Nesse panorama, o objetivo deste estudo é analisar o comportamento sexual de graduandos de enfermagem e medicina de uma instituição de ensino superior do estado do Ceará.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa do tipo transversal com abordagem descritiva e de correlação. Este tipo de pesquisa descreve uma situação ou fenômeno sem uma referência temporal específica, implicando que não é essencial conhecer o tempo da exposição para que o efeito seja gerado (HOCHMAN *et al.*, 2005).

Os estudos observacionais são uma abordagem de pesquisa em que ocorre a observação de eventos naturais, com o objetivo de registrar a exposição e o desenvolvimento

do desfecho de interesse entre os indivíduos envolvidos. Esses estudos não envolvem a aplicação de intervenções ou modificações experimentais (ROUQUAYROL; GURGEL, 2018).

A coleta de dados do estudo ocorreu entre os meses de setembro de 2023 a janeiro de 2024 na Universidade Estadual do Ceará, no campus do Itaperi (Fortaleza, Ceará).

A população do estudo totaliza 233 alunos de ambos os cursos. Assim, a amostra totalizou 203 estudantes, sendo 183 do curso de Enfermagem e 50 do curso de Medicina. A seleção da amostra obedeceu aos seguintes critérios de inclusão: estar matriculado regularmente em qualquer disciplina da IES e ter acima de 18 anos. Já o critério de exclusão foi o aluno que estiver em regime de licença ou em matrícula institucional.

A escolha por graduandos de Enfermagem e Medicina justifica-se pelo fato de que esses futuros profissionais desempenham papel na promoção da saúde junto à população. Além disso, espera-se que, por estarem imersos em cursos da área da saúde, tenham maior acesso a informações sobre prevenção de infecções sexualmente transmissíveis e métodos contraceptivos, o que permite analisar se esse conhecimento se reflete em práticas sexuais mais seguras.

Os dados foram coletados por meio de um instrumento. Para alunos que estavam em aula presencial na IES situada e que possuíam acesso à tecnologia sem nenhum prejuízo, tanto por meio de dados móveis quanto por conexão *Wi-Fi*, o instrumento de pesquisa foi disponibilizado eletronicamente através do formulário *Google Forms*. Em contrapartida, o instrumento de pesquisa também foi disponibilizado impresso e recolhido na própria IES caso o aluno apresentasse algum impasse tecnológico que dificultasse a sua realização, bem como, pudesse impactar na alteração da qualidade da pesquisa.

Realizou-se a aplicação de um instrumento elaborado para a coleta de dados denominado de: Instrumento de pesquisa para avaliação de saúde dos estudantes universitários de instituições públicas. Esse instrumento buscou avaliar a saúde de acadêmicos dos cursos de graduação em Enfermagem e Medicina. Dentre esta avaliação, será objeto de estudo desta pesquisa busca avaliar o comportamento sexual e reprodutivo dos universitários.

Foi realizado um teste piloto, no qual participaram 24 bolsistas e 3 tutoras representantes dos grupos PET Enfermagem da Universidade Estadual do Ceará (UECE) Universidade Federal do Ceará (UFC). Os bolsistas assumiram a responsabilidade de responder à pesquisa, a fim de mensurar o tempo, verificar as informações contidas, realizar ajustes para aprimorar o objeto de pesquisa e, por fim, elaborar o formulário definitivo. Após a conclusão dessa etapa, a pesquisa foi aplicada. Para este estudo, contou-se com a colaboração dos bolsistas do PET Enfermagem da UECE atuando como coletores dentro da própria IES.

Os dados extraídos foram tabulados no Google Planilhas, seja por meio de uma importação direta ou copiando e colando os dados do formulário *on-line*. Em seguida, foi realizada a organização dos dados e, após a finalização da coleta e tabulação, foram feitas análises descritivas com apresentação das frequências absolutas e relativas.

Os dados foram coletados somente após aprovação no Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Ceará, sob parecer de número 6.309.085. Assim como a pesquisa seguiu rigorosamente a resolução nº 466 de 12 de dezembro de 2012 que normatiza a pesquisa em seres humanos.

RESULTADOS

Dos 233 participantes do estudo, observa-se uma predominância de estudantes do curso de Enfermagem, representando 78,54% (n=183) da amostra, enquanto os estudantes de Medicina compõem 21,46% (n=50). Esta distribuição pode refletir a proporção relativa destes cursos na instituição ou uma maior participação dos estudantes de Enfermagem no estudo.

O processo de análise dos dados iniciou-se com a exportação da planilha do *Google Sheets*, disponibilizada gratuitamente. Foram aplicados filtros ao banco de dados para seleção de estudantes de enfermagem e medicina da UECE, sendo os dados selecionados utilizados para este estudo.

Após essa seleção inicial, foi realizada uma análise em grupo composto por 12 discentes e um docente. Os dados foram exportados do *Google Sheets* e encaminhados para análise no SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*) 22.0, um software amplamente

utilizado para análises estatísticas em pesquisas sociais e de saúde. No SPSS, os dados foram estratificados e organizados em tabelas.

Entre os alunos que responderam o questionário, 77,25% dos indivíduos eram do gênero feminino (n=180), seguido de 22,75% do gênero masculino (n=53). A distribuição é consistente com a tendência observada em muitos cursos da área da saúde, especialmente no curso de enfermagem. Quanto à identidade de gênero, 77,69% (n=181) identificam-se como mulheres cis, 21,89% (n=51) como homens cis e 0,43% (n=1) como homens trans.

Em relação à faixa etária apresentada, esta revela uma população predominantemente jovem, entre 18-22 anos representando 57,58% (n=133) dos participantes, seguida das idades entre 23-27 anos com 33,77% (n=78). As faixas etárias mais avançadas, de 28-32 anos e 33 anos ou mais, representam apenas 5,19% (n=12) e 3,46% (n=8) respectivamente.

Quanto ao estado civil dos participantes, a maior parcela, 93,56% (n=218) declarou ser solteiro(a). Apenas 3,43% (n=8) estão em união estável e 3,00% (n=7) são casados(as). Apesar do predomínio de solteiros, notou-se que 51,50% (n=120) dos participantes afirmaram estar envolvidos em um relacionamento amoroso/afetivo.

Em relação à raça/etnia, infere-se porcentagem entre maior número de pardos e brancos. A categoria parda abrange 44,21% (n=103) dos entrevistados, seguida pela categoria branca com 43,35% (n=101). A população preta representa o menor quantitativo, com 11,16% (n=26) total da amostra.

No que tange à religião, há predominância da católica, com 54,94% (n=128). O segundo maior grupo é composto por aqueles sem religião, representando 21,03% (n=49) da amostra. Os evangélicos constituem 17,17% (n=40), seguidos por espíritas com 3,86% (n=9) e 3% (n=7) declararam outras religiões. Essa distribuição religiosa pode ter repercussões em comportamentos de saúde e atitudes em relação a questões sexuais e reprodutivas.

A respostas sobre a situação de moradia mostrou que a grande maioria dos estudantes, 80,69% (n=188), ainda reside com os pais. Isso pode ser influenciado pela idade jovem dos participantes e possivelmente por fatores econômicos ou culturais. As demais categorias apresentam percentuais significativamente menores: 5,15% (n=12) moram com

companheiro(a), 4,72% (n=11) com outros familiares, 4,29% (n=10) sozinhos, e 2,58% (n=6) com amigos (*tabela 1*).

Dessa forma, essa caracterização sociodemográfica detalhada proporciona traçar um perfil da população estudada para a contextualização e interpretação dos resultados subsequentes. A tabela 1 apresenta a distribuição dessas características sociodemográficas, estratificadas por categoria, com seus respectivos valores absolutos (N) e percentuais (%), fornecendo uma base quantitativa para análises posteriores e comparações com outros estudos na área.

Tabela 1 – Distribuição da caracterização sociodemográfica de universitários da pesquisa. Fortaleza, Ceará, 2023.

CARACTERÍSTICA	CATEGORIA	N	%
Curso	Enfermagem	183	78.54
Sexo	Medicina	50	21.46
	Feminino	180	77.25
	Masculino	53	22.75
Identidade de gênero	Mulher cis	181	77,69
	Homem cis	51	21.89
	Homem trans	1	0.43
Idade (anos)	18-22	133	57,58
	23-27	78	33,77
	28-37	12	5,19
	33 ou mais	8	3,46
Estado civil	Solteiro(a)	218	93,56
	União estável	8	3,43
	Casado(a)	7	3,00
Raça	Parda	103	44,21
	Branca	101	43,35
	Preta	26	11,16
Religião	Católica	128	54,94
	Sem religião	49	21,03
	Espírita	9	17,17

	Outra	7	3,00
Moradia	Com pais	188	80,69
	Com companheiro (a)	12	5,15
	Outros familiares	11	4,72
	Sozinho	10	4,29
	Amigos	6	2,58
	Outros	6	2,57

Fonte: Autores.

Entre outras perspectivas, pode-se destacar a distribuição da prática da atividade sexual dos universitários. A iniciação sexual dos participantes apresenta uma distribuição variada, com predominância no final da adolescência: 23,75% (n=38) aos 18 anos, 15,63% (n=25) aos 17, e 11,88% (n=19) aos 16. Em destaque, 12,50% (n=20) reportaram experiências sexuais precoces, aos 14 anos ou antes, enquanto 18,75% (n=30) iniciaram após os 19 anos.

No que refere-se às interações recentes, a monogamia sequencial parece prevalecer, 64,78% (n=103) dos participantes relataram uma única parceria nos três meses anteriores à pesquisa, padrão que se manteve similar no período de seis meses, com 61,54% (n=96). Contudo, uma parcela significativa demonstrou maior variabilidade de parcerias: 15,10% (n=24) e 19,87% (n=31) reportaram três ou mais parcerias nos últimos três e seis meses, respectivamente. Sendo que 76% (n=114) indicaram parceiros fixos, contra 24% (n=36) em arranjos casuais.

As práticas de sexo revelam um quadro promissor, embora com margem para melhorias. O início da prática sexual foi marcado pela proteção com o uso do preservativo por 73,25% (n=115) dos respondentes, média que se manteve nas relações seguintes dos participantes, com 71,97% (n=113) aderindo ao uso de preservativos. Um dado

particularmente expressivo é a capacidade de negociação do uso de proteção, relatada por 96,55% (n=140) dos participantes.

Como também a vivência sexual recente mostra-se ativa para a maioria: 80,72% (n=134) engajaram-se em relações nos três meses precedentes à pesquisa, percentual que se eleva ligeiramente para 82,53% (n=137) quando considerado o semestre anterior (*tabela 2*).

Tabela 2 – Distribuição da prática da atividade sexual de universitários da pesquisa. Fortaleza, Ceará, 2024.

Característica	Categoria	N	%
Idade de início da vida sexual	14 anos ou menos	20	12,50
	15-17 anos	58	36,26
	18-21 anos ou mais	82	51,24
Parcerias sexuais nos últimos 3 meses	1	103	64,78
	0	17	10,69
	2	15	9,43
	3 ou mais	24	15,10
Parcerias sexuais nos últimos 6 meses	1	96	61,54
	0	15	9,62
	2	14	8,97
	3 ou mais	31	19,87
Tipo de parceria sexual	Fixa	114	76,00
	Casual	36	24,00

Utilizou preservativo na primeira relação sexual	Sim	115	73,25
	Não	42	26,75
Utiliza preservativo nas práticas sexuais	Sim	113	71,97
	Não	44	28,03
Consegue negociar o uso do preservativo	Sim	140	96,55
	Não	5	3,45
Relação sexual nos últimos três meses	Sim	134	80,72
	Não	32	19,28
Relação sexual nos últimos seis meses	Sim	137	82,53
	Não	29	17,47

Fonte: Autores.

Ao serem questionados acerca da utilização de algum método contraceptivo, 26,18% participantes (n= 26,18) revelaram não utilizarem nenhum tipo de método contraceptivo. Em contrapartida, 73,82% dos participantes afirmaram fazer uso de algum método. Quando indagados sobre o tipo específico de método utilizado, 43,53% indicaram o uso de pílula anticoncepcional, 7,14% optaram pelo Dispositivo Intrauterino (DIU), 3,57% mencionaram o uso de contraceptivos injetáveis, e 1,78% relataram utilizar o implante contraceptivo (IMPLANON).

No que diz respeito às ISTs, à realização de testes rápidos e à vacinação, 1,29% participantes (n=3) declararam ter tido alguma IST. Dentre os participantes, 51,07% (n=119) já se submeteu a testes para detecção de ISTs, em contraposição a 48,93% (n=114) que nunca realizaram teste. No âmbito da PrEP e da PEP, 0,86% (n=2) participantes afirmaram já ter utilizado PrEP e 2,58% (n=6) referiram ter utilizado PEP.

Em relação à cobertura vacinal para o HPV, 73,82% (n=172) participantes afirmaram estar imunizados, enquanto 26,18% (n=61) não receberam a imunização (tabela 3).

Tabela 3 – Distribuição dos graduandos segundo informações acerca de Infecções Sexualmente Transmissíveis. Fortaleza, Ceará, 2024.

Característica	Categoria	N	%
Já realizou testagem para ISTs	Sim	119	51,07
	Não	114	48,93
Número de testes para IST nos últimos 6 meses	0	24	17,91
	1	38	28,36
	2	12	8,96
	3 ou mais	3	2,24
	Nenhuma/Não fez	57	42,54
Já realizou PEP ao HIV	Sim	6	2,58
	Não	222	95,28
	Não sabia que poderia ser feita	5	2,15
Já realizou PrEP ao HIV	Sim	2	0,86

	Não	224	96,14
	Não sabia que poderia ser feita	7	3,00
Já teve alguma IST	Sim	3	1,29
	Não	228	97,85
	Candidíase	2	0,86
Tem alguma IST ou HIV atualmente	Não	233	100
Vacinação para HPV	Sim	172	73,82
	Não	61	26,18
Método Contraceptivo	Sim	114	73,82
	Não	61	26,18

Fonte: Autores, 2024

DISCUSSÃO

A faixa etária dos participantes variou entre 18 a 22 anos, sendo a maioria do sexo feminino, refletindo a composição predominante deste grupo, especialmente evidenciada na área da enfermagem. Essa distribuição não apenas sinaliza as dinâmicas de gênero inerentes à profissão, mas também ressalta a importância de contextualizar de maneira específica a análise de dados demográficos. A concentração significativa de mulheres neste grupo pode exercer influência nas dinâmicas sociais e nas percepções relativas à saúde e sexualidade.

A significativa predominância de mulheres neste grupo pode exercer influência nas dinâmicas sociais e nas percepções relativas à saúde e à sexualidade. Estereótipos de gênero persistem na formação em Enfermagem, associando o cuidado como atributo essencialmente feminino e impactando tanto a vivência acadêmica quanto às interações clínicas (KARABULUT et al., 2025). Além disso, tais construções sociais reforçam visões tradicionais sobre papéis de gênero, afetando a inclusão dos homens na profissão, o que evidencia como essas dinâmicas moldam percepções sobre saúde, sexualidade e cuidado (MELLOUKI et al., 2025).

É evidenciado a diversidade étnica e de relacionamento presente na amostra, destacando uma representação expressiva da etnia parda. Ademais, existe uma maior parte da religião católica, o que revela a influência histórica e cultural na escolha, tornando possível reflexões sobre a interação desses elementos e sua contribuição para a moldagem sobre padrões de comportamento e dinâmica social.

A religiosidade pode influenciar a construção da sexualidade, seja retardando o início do uso de métodos contraceptivos, seja associando-se a motivações sexuais mais restritivas, sobretudo entre mulheres. Embora muitos estudantes não percebam essa influência de forma direta, estudos apontam que a prática religiosa ainda exerce impacto relevante no comportamento sexual (GLAZER et al., 2023; VIEWEG; SMITH; MARTIN, 2023).

Também tornou-se possível analisar sobre o comportamento sexual na amostra estudada, abordando aspectos como a idade de início da atividade sexual e a dinâmica dos relacionamentos.

Quando questionados sobre os métodos contraceptivos, 73,82% respondeu que faz uso, já 26,18% diz não utilizar. Dentre os métodos contraceptivos citados pelos respondentes estão as pílulas orais, preservativo, DIU e Implanon, sendo os dois primeiros, os mais citados entre os participantes.

Assim, observa-se que o conhecimento e a prática de utilização de métodos contraceptivos permanecem restritos, principalmente à camisinha e às pílulas orais, o que pode estar associado não apenas à limitação no acesso às informações, mas também à ausência de uma efetiva educação sexual durante a formação escolar. Uma indagação que emerge é: mesmo que alguns participantes tenham tido contato com educação sexual em sua

formação básica, ainda assim podem ter optado por não utilizar outros métodos contraceptivos.

Esse cenário reforça a necessidade de fortalecer as políticas públicas voltadas à educação sexual, adotando uma abordagem sobre a diversidade de métodos contraceptivos, suas características e eficácia. Investir em programas educacionais contínuos e bem estruturados contribui não apenas para uma maior conscientização, mas também para a promoção da saúde sexual e reprodutiva. Isso possibilita que a população tome decisões mais informadas e autônomas, respeitando seus direitos sexuais e reprodutivos. (OLIVEIRA *et al.* 2025).

Em relação ao uso do preservativo, constatou-se neste estudo que 26,75% dos participantes não fizeram uso desse método na primeira relação sexual. Este dado demonstra preocupação, considerando que o uso do preservativo nesse contexto não apenas desempenha um papel crucial na prevenção de gravidez precoce e/ou IST, mas também contribui para o estabelecimento de comportamentos saudáveis que podem refletir ao longo da vida. A relevância dessa prática apontada por estudos indica que aqueles que utilizam preservativo em sua primeira atividade sexual demonstram maior propensão a manter relações sexuais de forma protegida em comparação àqueles que não utilizaram na iniciação sexual. Um estudo desenvolvido em 2025 corrobora essa relação, reforçando que a adoção do preservativo desde a primeira experiência íntima constitui um fator determinante para a continuidade de práticas sexuais seguras ao longo da vida (SILVA *et al.*, 2015; WIDMAN *et al.*, 2025).

Nesse cenário, os serviços de saúde, especialmente a APS, desempenham um papel crucial na educação sexual. Destaca-se a relevância dos profissionais de saúde ao abordar aspectos de gênero nas intervenções em saúde, adotando uma compreensão holística do indivíduo, seu contexto e suas vivências, baseadas por crenças e valores pessoais. Essa perspectiva busca romper com práticas profissionais verticais, baseadas em uma lógica tradicional e tecnicista, na qual o conhecimento técnico prevalece sobre a apreensão integral do indivíduo (LOOZE *et al.*, 2022).

A elevada escolaridade observada poderia, em princípio, indicar um acesso privilegiado à informação em saúde. No entanto, os resultados deste estudo revelam que, apesar desse acesso, ainda persistem comportamentos de risco. Tal achado evidencia que a

maior escolaridade, por si só, não garante práticas sexuais seguras, apontando a necessidade de estratégias educativas contínuas e adaptadas também ao contexto universitário. Ao mesmo tempo, reconhece-se que indivíduos com menor nível educacional podem enfrentar barreiras adicionais de acesso às informações em saúde, o que reforça a importância de políticas públicas equitativas e de ações voltadas à ampliação do conhecimento em diferentes segmentos populacionais (CASTOLDI *et al.*, 2021; NASCIMENTO *et al.*, 2018).

Diante da perspectiva de preparação de futuros profissionais de saúde que estarão diretamente envolvidos em questões relacionadas à sexualidade, torna-se evidente a relevância da formação acadêmica na construção de competências voltadas à promoção da saúde, prevenção de ISTs e redução da concepção indesejada. Nesse contexto, é importante ressaltar a necessidade de uma abordagem mais qualificada sobre a temática da sexualidade durante a formação desses profissionais, não no sentido de moldar suas condutas pessoais, mas de capacitá-los a atuar de forma crítica e responsável junto à população. Tal abordagem deve ser integrada como componente essencial da atenção à saúde, proporcionando condições para a melhoria da qualidade de vida na sociedade (SILVA *et al.*, 2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa destaca a necessidade de fortalecer a adesão às políticas públicas de educação sexual, especialmente no que diz respeito ao conhecimento e prática de métodos contraceptivos. A disparidade entre o conhecimento e o comportamento de prevenção em relação às ISTs destaca a necessidade dos serviços de saúde, particularmente a APS, na educação sexual. A elevada escolaridade observada sugere um acesso privilegiado à informação, apontando para a necessidade de ampliar o alcance dessas informações para evitar a concentração exclusiva nos serviços de saúde.

É necessário reconhecer que mesmo estudantes da área da saúde, apesar de terem amplo acesso a informações disponíveis de acesso livre, ainda adotam práticas de risco, como o não uso consistente de preservativos, múltiplas parcerias sexuais sem proteção ou baixa adesão à testagem regular para ISTs. Reforçando a necessidade contínua de estratégias

preventivas no ambiente acadêmico. Nesse sentido, a preparação de futuros profissionais de saúde deve contemplar a construção de representações críticas sobre sexualidade, comportamento sexual e medidas de prevenção de ISTs e concepção indesejada.

Portanto, preconiza-se a relevância de, na instituição, serem criados espaços de discussão que propiciem reflexões voltadas ao cuidado da sexualidade dos discentes. A convicção subjacente é que, ao contemplarem sua própria sexualidade, os estudantes serão capacitados a compreender de forma mais holística.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Aprova diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 13 jun. 2013. Disponível em: <<https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>>. Acesso em: 02 ago. 2023.
- COUTO, A.C.B. et al. Comportamento sexual dos estudantes do ensino superior. *REAS*. v. 23, n. 8, p. 1-9. 2023. Disponível: <<https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/13117/7853>>. Acesso em: 02 jan. 2024.
- FREITAS, F. L. S. et al. Sífilis em jovens conscritos brasileiros, 2016: aspectos sociodemográficos, comportamentais e clínicos. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 37, n. 8, e00263720, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0102-311X00263720>>. Acesso em: 21 ago. 2023.
- GLAZER, P. et al. Religiosity, contraceptive use, and sexual health perceptions among college students. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, v. 20, n. 22, p. 7075, 2023. DOI: <https://doi.org/10.3390/ijerph20227075>. Acesso em: 18 jul. 2025.
- GRÄF, D. D.; MESENBURG, M. A.; FASSA, A. G. Comportamento sexual de risco e fatores associados em universitários de uma cidade do Sul do Brasil. *Revista de Saúde Pública*, v. 54, n. 41, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/s1518-8787.2020054001709>>. Acesso em: 21 ago. 2023.
- HOCHMAN, B. et al. Desenhos de pesquisa. *Acta Cirúrgica Brasileira*, v. 20, p. 2-9, 2005. Supl. 2. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/acb/a/jWpGC6MmbgsqZT5pxDmN6fh/?lang=pt>>. Acesso em: 21 ago. 2023.
- KARABULUT, G. et al. From classroom to clinic: a qualitative study of gendered experiences among nursing students and educators in Türkiye. *BMC Nursing*, v. 24, n. 256, 2025. DOI: 10.1186/s12912-025-03648-y. Disponível em: <https://bmcnurs.biomedcentral.com/articles/10.1186/s12912-025-03648-y>. Acesso em: 16 jul. 2025.
- LOOZE, D. M. Parenting practices and adolescent risk behavior: rules on smoking and drinking also predict cannabis and early sexual debut. *Prevention Science*. v.13, n.6, p.594-604. 2022. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3505510/#:~:text=In%20addition%2C%20independent%20of%20adolescent,prevalence%20of%20early%20sexual%20intercourse>>. Acesso em: 24 ago. 2025.
- MELLOUKI, R. et al. Nursing students' views on men in nursing: a gender diversity challenge in the healthcare workforce. *BMC Nursing*, v. 24, n. 225, 2025. DOI: 10.1186/s12912-025-03521-y. Disponível em: <https://bmcnurs.biomedcentral.com/articles/10.1186/s12912-025-03521-y>. Acesso em: 16 jul. 2025.
- MIRANDA, S.L.M; SOUZA, E.M. Conhecimento dos adolescentes sobre métodos contraceptivos e assistência em saúde. *Rev. Interdisciplinar em saúde*, v.7, n.1, p.775-91, 2020. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/controlado_enfermagem_sexualmente_transmissiveis.pdf>. Acesso em: 02 nov. 2023.

OLIVEIRA, L. V. B. et al. Educação sexual crítica como estratégia para a promoção da saúde sexual e reprodutiva. *Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences*, v. 7, n. 7, p. 587-598, 2025. Disponível em: <<https://bjih.emnuvens.com.br/bjih/article/download/6040/5918>>. Acesso em: 24 ago. 2025.

PAN AMERICAN HEALTH ORGANIZATION (PAHO). *Casos de sífilis aumentam nas Américas*. Washington, D.C.: PAHO, 22 maio 2024. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/22-5-2024-casos-sifilis-aumentam-nas-americas>. Acesso em: 12 jul. 2025.

ROUQUAYROL, M.Z; GURGEL, M. *Epidemiologia & saúde*. 8. ed. Rio de Janeiro: Medbook, 2018.

SILVA, T. R. F. Representações dos estudantes de enfermagem sobre sexualidade: entre estereótipos e tabus. *Trab. Educ. Saúde*. v.17, n.2, p. 1-18.. Rio de Janeiro. 2019. Disponível em : <<https://www.scielo.br/j/tes/a/T89cPgD6SvXvgF5c4ZMnkKt/?lang=pt>>. Acesso em: 24 ago. 2025.

SILVA, A. S. N. et al. Início da vida sexual em adolescentes escolares: um estudo transversal sobre comportamento sexual de risco em Abaetetuba, Estado do Pará, Brasil. *Rev Pan-Amaz Saude*. v,6, n.1, p.27-34. 2015. Disponível em : <<https://ojs.iec.gov.br/index.php/rpas/article/view/253/93>>. Acesso em: 24 ago. 2025.

THOMPSON, L. H. *et al*. Percepções e aceitação da PrEP e PEP como estratégias de prevenção do HIV/AIDS. *Journal of Health Communication*, v.47, n.2, p.289-305, 2022. Disponível em: <<https://ghjournalsearch.org/resources/journal-health-communication>>. Acesso em: 30 abr. 2023.

UNAIDS. Global AIDS Update 2021. Disponível em: <<https://www.unaids.org/en/resources/documents/2021/global-aids-update>>. Acesso em: 04 maio 2023.

VIEWEG, R.; SMITH, A.; MARTIN, J. Religiosity and sexual motivations in college students: a longitudinal analysis. *Journal of Sex Research*, v. 60, n. 5, p. 678-689, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1080/00224499.2023.2178459>. Acesso em: 18 jul. 2025.

WIDMAN, L. *et al*. Condom use among teens: meta-analysis highlights key factors. *North Carolina State University News*, Raleigh, 29 jan. 2025. Disponível em: <https://news.ncsu.edu/2025/01/29/condom-use-among-teens/>. Acesso em: 18 jul. 2025.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). *Global progress report on HIV, viral hepatitis and sexually transmitted infections, 2021: accountability for the global health sector strategies 2016-2021: actions for impact*. Geneva: WHO, 2021. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/9789240027077>. Acesso em: 12 jul. 2025.



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

ANEXOS

APÊNDICE A - Instrumento de pesquisa para avaliação de saúde dos estudantes universitários de instituições públicas.

A. Dados sociodemográficos

- A.1 Qual sua universidade? () UFC () UECE () UNILAB () UFMA
() UFPI () UERN
- A.2 Qual campus? () Fortaleza () Acarape () São Luís () Pinheiro
() Teresina () Mossoró
- A.3 Qual o curso? _____
- A.4 Qual semestre de curso está cursando? () 1° () 2° () 3° () 4° () 5° () 6°
() 7° () 8° () 9° () 10° () 11° () 12°
- A.5 Quantos semestres tem seu curso? _____
- A.6 Qual o turno do seu curso? () Integral () Matutino () Vespertino () Noturno
- A.7 Idade (anos completos): _____
- A.8 Naturalidade (Cidade/Estado): _____
- A.8.1 Local de Moradia (Cidade/Estado): _____
- A.9 Identidade de gênero?
() Homem cis¹ () Homem trans² () Mulher cis () Mulher trans () Outros

¹ Cis refere-se à identificação com o gênero atribuído ao nascer.

² Trans refere-se à não identificação com o gênero atribuído ao nascer.

- A.10 Sexo biológico? () Masculino () Feminino
- A.11 Raça: () Branca () Parda () Preta () Amarela () Indígena
- A.12 Estado civil: () Solteiro(a) () Casado(a) () Viúvo(a) () União estável
- A.13 Tem filhos? () Sim () Não (Se A.16 = não, pule para A.18)
- A.14 Quantos filhos você tem? _____
- A.15 Você está em um relacionamento amoroso/afetivo? () Sim () Não
- A.16 Religião: () Católica () Evangélica () Espírita () Sem religião () Outra () Nenhuma
- A.17 Você tem emprego? (exceto estágio extracurricular ou atividades vinculadas à universidade)
() Sim () Não
- A.18 Já foi preso? () Sim () Não
- A.19 Já sofreu medida socioeducativa (sistema penal)? () Sim () Não

B Comportamento Sexual

- B.1 Qual sua orientação sexual? () Heterossexual () Homossexual () Bissexual
() Assexual¹ () Panssexual² () Outros _____
- ¹ indivíduo que não sente nenhuma atração sexual, seja pelo sexo/gênero oposto ou pelo igual
- ² aqueles que podem desenvolver atração física, amor e desejo sexual por outras pessoas, independentemente de sua identidade de gênero ou sexo biológico
- B.2 Idade de início da vida sexual: _____ (Se não tiver iniciado, pule para B.12)
- B.3 Quantas parcerias sexuais você teve nos últimos 3 meses? _____
- B.4 Quantas parcerias sexuais você teve nos últimos 6 meses? _____
- B.5 Tipo de parceria sexual: () Fixa () Casual
- B.6 Utilizou preservativo na primeira relação sexual? () Sim () Não
- B.7 Utiliza preservativo nas práticas sexuais? () Sim () Não (Se B.7 = sim, pule para B.9)

B.8 Se não, por quê? () Não gosta () Parceiro não aceita () Não tem acesso a preservativo () Alergia () Outro Qual? _____

B.9 Você consegue negociar com seu (sua) parceiro (a) o uso do preservativo quando deseja utilizá-lo? () Sim () Não

B.10 Nos últimos três meses, você teve relação sexual? () Sim () Não (Se D.10 = não, pule para D.11)

B.10.1 Nos últimos três meses, qual a frequência de utilização do preservativo na prática sexual anal?

() Não faço essa prática () Nunca () Às vezes () Sempre (em todas)

B.10.2 Nos últimos três meses, qual a frequência de utilização do preservativo na prática sexual vaginal?

() Não faço essa prática () Nunca () Às vezes () Sempre (em todas)

B.10.3 Nos últimos três meses, qual a frequência de utilização do preservativo na prática sexual oral?

() Não faço essa prática () Nunca () Às vezes () Sempre (em todas)

B.11 Nos últimos seis meses, você teve relação sexual? () Sim () Não (Se B.11 = não, pule para B.12)

B.11.1 Nos últimos seis meses, qual a frequência de utilização do preservativo na prática sexual anal?

() Não faço essa prática () Nunca () Às vezes () Sempre (em todas)

B.11.2 Nos últimos seis meses, qual a frequência de utilização do preservativo na prática sexual vaginal?

() Não faço essa prática () Nunca () Às vezes () Sempre (em todas)

B.11.3 Nos últimos seis meses, qual a frequência de utilização do preservativo na prática sexual oral?

() Não faço essa prática () Nunca () Às vezes () Sempre (em todas)

B.12 Já realizou testagem para Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST)?

() Sim () Não. (Se B.12 = não, pule para B.14)

B.13 Quantas vezes realizou o teste para IST nos últimos 6 meses? _____

B.14 Já realizou profilaxia (prevenção) pós-exposição (PEP*) ao HIV? () Sim () Não

() Não sabia que poderia ser feita profilaxia (prevenção) da infecção pelo HIV pós-exposição com uso de medicação.

*prevenção da infecção pelo HIV com uso de medicação (profilaxia) após a exposição

B.15 Quantas vezes você fez uso da profilaxia (prevenção) pós-exposição (PEP*) ao HIV?

Se não tiver iniciado relação sexual, passe para B.23

B.16 Você usou a profilaxia pós-exposição (PEP) devido à prática sexual desprotegida?

() Sim () Não

B.17 Já realizou profilaxia (prevenção) pré-exposição (PREP*) ao HIV? () Sim () Não

() Não sabia que poderia ser feita prevenção da infecção pelo HIV com uso de medicação prévia - profilaxia (prevenção) pré-exposição PREP)

*prevenção da infecção pelo HIV na relação sexual com uso de medicação (profilaxia) antes da relação sexual

- B.18 Usa algum método contraceptivo? () Sim () Não (Se B.19 = não, pule para B.21)
- B.19 Se sim qual? () Pílula anticoncepcional () Injetável () Preservativo () DIU () Outros _____
- B.20 Você ou sua parceira já tiveram uma gravidez indesejada? () Sim () Não
- B.21 Você já teve alguma IST? () Sim () Não. Qual? _____
- B.22 Você tem alguma IST ou HIV? () Sim () Não. Qual? _____
- Agora vou perguntar-lhe sobre seu histórico vacinal.
- B.23 Já foi vacinado(a) para HPV? () Sim () Não
- B.24 Já foi vacinado(a) para Hepatite B? () Sim () Não
- Se for homem cis, pule.
- B. 25 Qual a idade da primeira menstruação? _____
- B. 26 Já fez exame de prevenção do câncer de colo uterino (Papanicolau)? () Sim () Não.
(Se B.26 = não, pule)
- B. 27 Com que frequência realiza o exame do câncer de colo uterino (Papanicolau)?
() semestralmente () anualmente () a cada 2 anos () a cada 3 anos em caso de 2 exames consecutivos negativos